

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

FILMES DE JOÃO PENALVA

8 de Junho de 2026

KITSUNE

O ESPÍRITO DA RAPOSA / 2001

Realização: João Penalva *Texto:* João Penalva a partir de lendas e contos populares japoneses *Imagem (cor):* Rafael Ortega *Casting:* Chika Kato *Tradução japonesa:* Midori Nishioka *Operador de som:* Kayo Aokage *Pós-produção de som:* David Cunningham *Pós-produção final:* Rafael Ortega *Vozes:* Kiyosato Ryugo, Bunmei Tobayama.

Produção: Porta 33, Funchal (2001) *Cópia:* ficheiro digital, cor, falada em japonês e legendada em português, 55 minutos *Título em inglês:* THE FOX SPIRIT *Coleções:* Musée d'Art Moderne Grand-Duc Jean, Luxemburgo, KIASMA, Museum of Contemporary Art, Helsínquia, Museu de Serralves Porto, colecção privada Dusseldorf *Primeiras apresentações públicas em projecção:* Haus der Kunst, Munich e Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, 2003 *Primeira apresentação na Cinemateca:* 15 de Maio de 2008 ("João Penalva – Vídeos 1998-2007") em colaboração com o Festival Internacional de Curtas-Metragens de Vila do Conde, no contexto da exposição "TD Transmissão Directa" (Solar-Galeria de Arte Cinemática em Maio e Junho de 2008).

A HARANGPZÓ

O SINEIRO / 2005

Realização: João Penalva *Texto:* João Penalva a partir de *Der Erwählte*, de Thomas Mann, 1951 *Imagem (cor):* João Penalva, Stefan Zeyen *Tradução húngara:* Bán Zsófia *Gravação de som exterior:* João Penalva *Pós-produção de som:* David Cunningham *Voz:* Szucsvey László.

Produção: (Reino Unido, 2005) *Cópia:* ficheiro digital, cor, versão original em húngaro com legendas em português *Título em inglês:* THE BELL RINGER *Colecção:* Ludwig Museum Budapest *Primeira apresentação pública em Portugal, na Cinemateca:* 15 de Maio de 2008 ("João Penalva – Vídeos 1998-2007") em colaboração com o Festival Internacional de Curtas-Metragens de Vila do Conde, no contexto da exposição "TD Transmissão Directa" (Solar-Galeria de Arte Cinemática em Maio e Junho de 2008).

nota

O texto desta "folha" foi originalmente escrito em 2008, por altura da primeira passagem destes trabalhos de João Penalva na Cinemateca.

com a presença de João Penalva

A dança contemporânea, chão inicial do percurso de João Penalva, em meados dos anos 1970, desencadeou outros movimentos no campo das artes visuais, desde logo, a pintura, e depois a fotografia, o vídeo, o desenho, a escrita, numa confluência rara de interesses e impulsos. Nas suas múltiplas vertentes, linguagens, matérias, a obra de João Penalva está a ser celebrada em Lisboa assinalando cinquenta anos de produção artística, a sua singularidade, originalidade, experimentação, amplitude. Estão "ai", para ser vistas, duas exposições paralelas – "Personagens e Intérpretes", reunindo peças e instalações emblemáticas do artista na Culturgest, e a reposição de "A Colecção Ormsson" segundo o projecto original de 1997, então como agora apresentado no Pavilhão Branco. Na Cinemateca, voltam a ser projectados os trabalhos em vídeo realizados por Penalva entre 1998 e 2007, em duas sessões que retomam uma programação de 2008. "Aqui" estão no escuro da sala. É um prazer.

Trazer o universo das artes plásticas para uma sala de cinema não deixa de implicar um *deslocamento*, já que a natureza de *instalação* que caracteriza a origem destes trabalhos de João Penalva participa deles. Quer isto dizer que os espaços onde estes são projectados nos museus são por norma preparados para cada projecto específico, as suas configurações são concebidas de acordo e em consonância com as obras. Projectadas numa sala de cinema, como aqui as vemos, estas obras assumem de um modo distinto as suas características propriamente cinematográficas.

A relação entre as artes plásticas e o cinema, entre o museu e a sala de cinema, tem sido alimentada por uma prática que põe em diálogo os dois universos artísticos, prática esta que tem sido generalizada nas últimas décadas. É assim que se tem verificado um interesse por parte dos cineastas na exposição museográfica dos seus trabalhos, e é o mesmo movimento pendular que traz ao cinema a produção artística de artistas plásticos. A questão é conhecida e ampla, não sendo nosso propósito discuti-la aqui. Basta lembrar incursões museográficas, passe a expressão, como as de Chantal Akerman (pelo menos desde 1994 e de *D'EST: AU BORD DE LA FICTION*); de Abbas Kiarostami (por exemplo, a instalação-vídeo *SLEEPERS* apresentado na Bienal de Veneza em 2001 e, em 2004, na hoje extinta Sala 6x2 da Cinemateca, tal como *TEN MINUTES OLDER*, também de 2001; ou *FIVE DEDICATED TO OZU*, de 2003, que tanto tem sido mostrado em sala como em espaços expositivos para os quais começou por ser concebido); ou as *CORRESPONDENCES* de Víctor Erice e Kiarostami expostas em Espanha e Paris em 2007); ou ainda os casos de Jean-Luc Godard ou de Pedro Costa. Estes trabalhos de João Penalva representam uma investida em sentido inverso, se é que faz sentido dizê-lo assim. Surpreendentemente, o que se destaca em *KITSUNE* e *O SINEIRO* – o que parece marcar a generalidade dos vídeos de Penalva é um trabalho sobre a imagem e o som assente, por um lado, na duração (no tempo) e, por outro, na narrativa. Questões eminentemente cinematográficas, portanto.

Os dispositivos de *KITSUNE* e de *O SINEIRO* comungam da mesma ideia da relação de um texto dito num plano sonoro que se destaca do fundo sonoro que pertence às imagens / às paisagens que o acompanham, sendo estas mostradas em planos fixos. Num e noutro paira o mesmo espírito dos contadores de histórias e uma mesma meditação sobre o olhar – o que, visto “daqui” não deixa de evocar a experiência radical em cinema de uma história contada para ser ouvida numa sala escura, como a de uma projecção de *BRANCA DE NEVE* de João César Monteiro, implicando a disponibilidade da escuta de um modo que evoca ele própria a infância e a experiência encantatória da atenção perante uma história contada. *KITSUNE* constrói-se em torno de um texto japonês a duas vozes – as vozes de dois japoneses de uma certa idade que trocam memórias de lendas de espíritos de raposas, *kitsune*, “associadas culturalmente no Japão a transformações de animais em humanos, e aos perigos das suas acções maléficas”. *O SINEIRO* parte das páginas de *Der Erwählte*, de Thomas Mann, “em que, à pergunta ‘quem toca os sinos de Roma enquanto as suas cordas não se mexem?’, a resposta é — ‘o espírito do contador de histórias’”. Em ambos a imagem pertence à paisagem, intervindo as personagens como vozes. O primeiro é uma sucessão de planos fixos de uma paisagem montanhosa e nublada. O segundo fixa-se, num único plano, também ele fixo, da imagem de um rio que atravessa uma cidade, “mas nela se sobrepõem a imagem passando normalmente e de trás para a frente. O único movimento é, assim, o da corrente do rio, que, nesta sobreposição, perde o seu sentido e se torna estacionário, e o movimento das legendas. O contador de histórias, falando em húngaro, alterna entre narrativas que podem ser tomadas como uma só ou muitas, e a citação de Thomas Mann”.

Neste sentido, trabalhando um processo de sobreposição de imagens por forma a criar a ilusão de uma imagem fixa cuja fixidez do enquadramento concorre para sublinhar, *O SINEIRO* estará mais próximo da ideia de instalação do que a sucessão de planos-sequência que compõem *KITSUNE* (por algum motivo, o filme traz à memória Sokurov e em particular *A HUMBLE LIFE*). No *SINEIRO* só a atenção na imagem dá a ver o movimento que ela integra: o rio, a chuva sobre o rio, as pequenas variações introduzidas no cimo esquerdo do enquadramento com a oscilação de um fumo branco. A narrativa chega pelo texto e conduz a imaginação – “*Eu sou o espírito do contador de histórias. Deixai que vos conte*”. Em *KITSUNE*, onde o nevoeiro que invade com maior ou menor intensidade a imagem encontra o seu contraponto numa conversa na qual intervêm a cegueira, os fantasmas e a beleza das imagens nubladas (“*Como se sabe se o que vemos é o mesmo que os outros vêem?*”), é o próprio lugar da imaginação que é convocado. O ponto é transparente no final quando, depois de assistirmos a um filme que nos leva até ao Japão – o texto é japonês e a percepção da paisagem, provavelmente guiada pela sonoridade das vozes, é também ela japonesa – uma última legenda esclarece que *KITSUNE* foi filmado na Vereda dos Pastores, Pico do Areeiro, Ilha da Madeira. No cinema, como se sabe, tanto o tempo como os lugares são tão concretos como fictícios e Penalva parece jogar aqui com essas noções e a da credulidade envolvida.